



Lourival Sant'Anna carta@lourivalsantanna.com

A parceria entre China e Rússia

Xi Jinping e Vladimir Putin se reuniram em Pequim, estreitando a parceria entre China e Rússia para se fortalecer na rivalidade com EUA e Europa. Em seu 43.º encontro, incluindo os virtuais, ficou evidente mais uma vez a convergência de objetivos geopolíticos e a complementaridade militar e econômica das duas potências nucleares.

Eles assinaram um texto de 7 mil palavras intitulado *Comunicado Conjunto sobre o Aprofundamento da Parceria Estratégica Ampla de Coordenação para a Nova Era*, no estilo floreado e ligeiramente confuso tão apreciado por Xi. O autocrata chinês disse que as fortes relações entre os dois países “convergirão para uma força motriz poderosa para ambos os lados e enfrentarão os ventos e chuvas e continuar avançando”.

Esses ventos e chuvas têm origem. “As partes reiteraram sua grave preocupação diante das tentativas dos EUA de romper o equilíbrio de segurança estratégica na região”, diz o texto. Putin assegurou: “Nossa cooperação nos assuntos mun-

diais hoje serve como um dos principais fatores estabilizadores na arena internacional”.

SEGURANÇA. É uma visão curiosa. A invasão em grande escala da Ucrânia e as intenções de Xi de tomar Taiwan estão entre os maiores fatores de desestabilização mundial. Putin vê a Ucrânia, as outras antigas repúblicas soviéticas e o Leste Europeu como temas internos. A ligação do Ocidente com esses países, ainda que por escolha deles, é considerada por Putin uma intromissão na segurança russa.

Xi segue o mesmo racional. Para ele, as aspirações chinesas sobre Taiwan, assim como a projeção sobre os mares do Leste e do Sul da China, são parte da histórica vocação imperial de seu país. Isso, independentemente de taiwaneses, japoneses, sul-coreanos, australianos ou filipinos virem no Ocidente a tábua de salvação para sua liberdade, independência e democracia.

Esses valores ameaçam as intenções de Xi e Putin de se perpetuar no poder e entrar para o

panteão dos imperadores. Um olhar crítico a contestará que EUA e Europa também invadiram e colonizaram países, o que é verdade. Mas, nos últimos anos, a ameaça à ordem internacional parte de China, Rússia e seus aliados, como Coreia do Norte, Irã e Venezuela.

A parceria entre China e Rússia forçará países como o Brasil a fazer escolhas

O apoio de EUA e Europa a Israel, com suas violações do direito internacional, é o principal ponto fora da curva dessa equação. Ao alimentar o conflito com Israel, o Hamas, Hezbollah, Houthis e demais milícias patrocinadas pelo Irã expõem essa incongruência e fragilizam a retórica ocidental.

Putin repetiu: “Estamos atuando em solidariedade na formulação de uma ordem mundial multipolar mais justa e democrática”. São adjetivos sem sentido, em se tratando de

dois regimes autocráticos que usam o poder de veto no Conselho de Segurança da ONU e a força bruta para impor seus desejos.

Entretanto, é um discurso que encontra eco em países africanos e latino-americanos, nos quais ressentimentos contra nações prósperas são incentivados pela elite, para encobrir a ineficiência de modelos econômicos e as causas da desigualdade que a beneficia.

INTERESSES. Por trás do discurso, há interesses práticos. A Rússia se desindustrializou depois da invasão em grande escala da Ucrânia. Mais de mil empresas estrangeiras saíram ou reduziram suas operações no país. A China, celeiro de manufaturas do mundo, tem preenchido parcialmente esse vazio com seus produtos, peças e maquinários, de uso civil e militar.

As transações financeiras internacionais da Rússia ficaram muito prejudicadas por causa das sanções, e seus ativos bancários no exterior, no valor de US\$ 300 bilhões, foram conge-

lados. O Congresso americano aprovou lei destinando os US\$ 5 bilhões depositados nos EUA para a Ucrânia. A Europa, onde se concentra a maior parte dos depósitos, pode fazer o mesmo.

A Rússia tem transacionado com a China nas moedas respectivas. O comércio bilateral atingiu no ano passado o recorde de US\$ 240 bilhões. Empresas russas têm usado bancos chineses. Os EUA ameaçam esses bancos com sanções, o que refreou essas operações, afetando o comércio este ano.

China e Rússia têm interesse em tecnologias espaciais e militares uma da outra. Os EUA acusam os chineses de fornecer inteligência militar aos russos na guerra contra a Ucrânia. Em contrapartida, a Rússia é fonte de energia barata para a China, depois que seu petróleo e gás se tornaram alvos de sanções no Ocidente. Essa é uma parceria que moldará a geopolítica dos próximos anos, e forçará países como o Brasil a fazer escolhas. ●

É COLUNISTA DO ESTADO E ANALISTA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

Eleições e violência

Cartéis do México escolhem candidatos e matam seus rivais

Dezenas de políticos foram assassinados durante a campanha para as eleições gerais mexicanas, marcadas para o dia 2

MARY BETH SHERIDAN
THE WASHINGTON POST
VILLA LAS ROSAS, MÉXICO

Organizações criminosas estão transformando a campanha para as eleições do dia 2 no México em um campo de batalha, tornando o atual período eleitoral o mais mortífero na história moderna do país. Mais de duas dúzias de candidatos foram mortos; outras centenas abandonaram a disputa; e 400 pediram esquemas de segurança ao governo federal. A campanha de intimidações e assassinatos está colocando em risco a própria democracia.

O objetivo dos grupos armados é instaurar líderes amigáveis em cargos eletivos, para que possam explorar melhor as comunidades mexicanas. Anteriormente com foco em

contrabandear drogas para os EUA, os cartéis passaram a traficar também imigrantes, extorquir empresas e obter contratos para firmas que controlam. Os criminosos querem nomear chefes de polícia e diretores de serviços públicos.

Se é crucial controlar os gabinetes das prefeituras, os candidatos a governos estaduais e ao Congresso também correm risco. Em algumas regiões, os cartéis detêm tanto poder que conseguem decidir quem pode entrar nas cidades — ou o que as pessoas podem dizer em voz alta.

TENSÃO. “Eles não gostam quando a gente fala sobre a violência do crime organizado, extorsões, pessoas expulsas de suas comunidades”, afirmou Willy Ochoa, que concorre pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI) para representar o Estado de Chiapas no Senado.

Quando sua campanha anuncia visitas a regiões tensas, eles recebem ameaças e avisos para não ir. Ochoa, de 45 anos, viu o perigo de perto em fevereiro, quando moto-



Willy Ochoa, candidato a senador pelo PRI, em San Juan Chamula

queiros armados o perseguiram em uma parada de campanha.

O presidente, Andrés Manuel López Obrador, acusa a oposição e a mídia de exagerarem o grau de violência. Mas, mesmo a protegida de López Obrador, a candidata presidencial em primeiro lugar nas pesquisas, Claudia Sheinbaum, foi parada por mascarados em uma região de Chiapas controlada pelo cartel de Sinaloa. Os homens disseram para ela “se lembrar dos pobres” — e libera-

ram sua passagem.

Assassinos mataram candidatos de todos os principais partidos mexicanos. Em Maravatio, cidade de 80 mil habitantes no Estado de Michoacán, três candidatos a prefeito foram mortos — dois do partido Morena, de López Obrador, e um do opositor Partido da Ação Nacional (PAN).

‘MAIS BARATO’. Carlos Palomeque, presidente do PAN de Chiapas, disse que duas dúzias de candidatos a prefeito de seu partido abandonaram a disputa. “Antes, os cartéis compravam os eleitores”, afirma. “Agora, expulsam candidatos da eleição. É mais barato.”

Chiapas, Estado de Ochoa, não era conhecido por violência de cartéis. Sinaloa monopolizava o tráfico de drogas — e mantinha o ambiente tranquilo. Isso mudou nos últimos anos. Emergiram cisões. A democracia trouxe novos partidos, que estabeleceram laços com outros cartéis.

Atualmente, cerca de uma dúzia de cartéis mantêm atividades em Chiapas. Entre eles, as duas organizações criminosas mais poderosas do México: os cartéis de Sinaloa e Jalisco Nova Geração. Homicídios e desaparecimentos dispararam. Ochoa é contundente ao condenar a violência. Mas há outro motivo para sua determinação. “Eu amo Chiapas. Você nem imagina o quanto.”

● TRADUÇÃO DE GUILHERME RUSSO

pressreader